N.º 2 (124)—3.º ANNO

Terça-feira, 8 de Novembro de 1910

PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico

Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ

DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO

CARICATURISTA
SILVA E SOUSA

ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

Composto e impresso na A EDITORA—L. do conde Barão, 50

O ZÉ

SUCCESSOR DO JORNAL O XUÃO

Redacção e administração, T. da Espera, 53, 1.º—LISBOA

NA RATOEIRA

S. S.

Que precisavas que eu agora te fizesse?

João Franco Zé

ASSIGNATURAS

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Anno	1$000
Semestre	500
Trimestre	300

A cobrança feita pelo correio custa mais 100 réis.

Assignatura extraordinaria sómente em Lisboa, 20 réis, pagos no acto da entrega.

Todos os pedidos devem ser dirigidos á administração

T. da Espera, 53, 1.º, E.

LISBOA

Os "adesivos"

Raios partam os malvados adherentes! Já estou fartinho de vêr esses typos a atirar para jesuitas, de laços verdes e encarnados a dar vivas á Republica e á Liberdade. São uns estafermos sem ideias, sem cabeça, sem valor. Uns perfeitos aleijadinhos dos miolos! Alguns d'elles tinham nove e dez empregos; recebiam por uns poucos de carrinhos e eram mais reaccionarios e mais *thalassas* que o proprio *Xuão* de chorada e nunca esquecida memoria!

Intrujões muitos d'elles, bagalhoça que apanhavam era mesmo um ar que lhe dava... São afinal de contas uns patetas das luminarias, sem a coragem precisa para defenderem o seu crédo. Pois vocês não viram o que elles fizeram quando foi da prisão do querido dictador do nosso coração? Fugiram com vento fresco para não apanharem algum calor e espalharam aos quatro ventos, que eram e sempre tinham sido muitissimo mais republicanos que o Affonso Costa ou que o Antonio Zé d'Almeida.

Ahi valentes! Para cá, nada!

Fui um perfeito *fantoche* nas mãos d'esses senhores. Ensaboaram-me o juizo, deram-me pancadaria de crear bicho, prenderam-me, calaram-me, mandaram-me para o Alto do Duque por eu gostar muito do sr. Bernardino Machado. Agora já posso dizer alto e bom som, que assim como sou um homem ás direitas, se fosse uma *cachopa* atirava-me com unhas e dentes áquelle *sympathico*, dava-lhe muitos milhões de beijinhos na linda careca, no bigode, na barba, etc,, etc. Gostos não se discutem e desde 4 de Maio, em que me castigaram por eu o ir esperar á estação do Rocio, que tenho esta *amesedade* por elle. São inclinações da minha alma e está dito tudo. Elle tambem não gosta como eu dos *adhesivos* da ultima hora e faz-lhe uma figa muito grande, assim como quem diz:

—Bem te conheço ó velhinho!

O que mais me rala no meio d'isto tudo é o descaramento, a desvergonha com que os «illustres» se apresentam ao pé de gente de gravata lavada.

Fallam, discutem, remettem alvitres para os jornaes e se acaso lhes dizemos que ainda não ha muito defendiam o throno com unhas e dentes respondem invariavelmente:

—Acima de tudo sou patriota.

Sempre fui republicano!

Os malvados começam depois a conjugar o verbo «ser» e a fazerem comicios na escada com o leiteiro, com o padeiro e com o marçano da tenda. Se acaso lhe vae cobrar a quota algum cobrador de qualquer centro regenerador-liberal fazem uma zaragata diabolica, dão por paus e por pedras e acabam de correr á batata o pobre homemsinho, que fica embasbacado com a transformrção dos «adhesivos».

Passam a abominar tudo que cheira a realeza e por isso os que se chamam «Reis» passam a ser «Presidentes».

São uns verdadeiros «iroes» e uns valentões de se lhes tirar o chapeu.

O peor é que quando os vemos nas ruas com republicanices dizemos com os nossos botões:

—Quem não vos conhecer, que vos compre!...

Toda a gente é republicana. O padre Mattos, o Benebruto, o Teixeira de Sousa, o Alpoim, são republicanos da *gêmma*, democratas de barrete e . corôa. Os policias sempre foram, os guardas municipaes são agora, os *bufos* já tinham sido e chega-se finalmente á conclusão de que os que eram já não são, e os que são nunca tinham sido! Vão lá perceber esta maldita trapalhada sem ficar doido de todo! Eu por mim já tomei uma rapida resolução e como mando á tabúa com todas as lettras os novos *livaraes* e não quero ser confundido com esses cavalheiros, vou-me fazêr *thalassa;* dou vivas ao Vasconcellos Porto, que ninguem sabe onde está; abraço o Reymão; dou palmas ao Teixeira de Abreu; compro o *Correio da Manhã* e estendo o *bacalhau* ao illustre Mello e Sousa.

Só assim me livrarei dos novos republicanos!

Irra, que são peores que as carraças!...

O Zé.

Granadas... a granel

II

As esposas do senhor!

Eu gosto das irmãs da caridade,
D'essas santas e puras creaturas,
Que soffrem resignadas mil agruras
Em pról da desgraçada humanidade!

E envoltas n'esse manto de humildade
São ellas que nas tristes conjecturas
Nos vão suavisar as amarguras
Co'a mais sacramental docilidade!

E n'esse isolamento, a recolhida
Aos trabalhos mais torpes se rebaxa
P'ra ter depois no ceu doce guarida!...

E n'essa cella humilde onde se encaxa,
O corpo martyrisa toda a vida
Com *pesados cilicios*... de borracha!!!

XAVIER DE MAGALHÃES.
(Gamalhães)

Só?...

Diz o *Seculo*, que o fallecido rei de Sião, Chulalongkorn, era pae de 200 filhos!

O' menino, mas seriam todos feitos por elle!...

Pois cumié?

O Ramalho Canastrão, e o Fialho dos Gatos vão filiar-se no Centro de S. Carlos. O poeta Gomes Leal recitará n'essa occasião uma ode á Republica.

—Haver alguma pessoa que não diga que foi *heroe* da Revolução.

—Os *thalassas* de varios matizes continuarem a ter a *marmelada* de dez empregos, por junto.

—Acabar a discussão sobre bandeiras, hymnos e outras coisas mais.

—Os cidadãos deixarem de despejar alvitres nas redacções dos periodicos.

—Haver um monarchico... que não seja republicano.

—Apparecer a *intentona* da sr.ª D. Amelia.

—Os monarchicos deixarem de trazer enormes fitas verdes e encarnadas no braço.

—O *originalissimo* Correia Leal querellar mais alguma vez este semanario.

—Saber-se onde se encaixou a prosperidade da Liga do Carapau.

—O *Xuão* fazer mais dictaduras.

—Sahir mais um numero do «Pulha de Aveiro».

—O D. Manuel, que o diabo lá tenha em descanço, deixar de ouvir missa.

Valetas?

O' senhores vereadores o «Zé» não abicha tambem um nome de rua?

Olhem que a travessa da Espera com tantas casas de amor ficava muito bem «travessa do Zé!...»

O ZÉ

O successo alcançado pelo nosso primeiro numero excedeu toda a espectativa. Quatro edições se fizeram e rapidamente se exgotaram, o que prova que o Zé-Povinho, sympathisou a valer com o nosso *Zé*.

Aos nossos assignantes e agentes pedimos-lhe desculpa da demora do 1.º numero, devido á grande afluencia de pedidos, esperando que de futuro estes atrazos se não repitam.

Ando tonto, azabumbado
Com o corpo em tremeliques,
Tenho o *sim senhor* molhado
E talvez por *mau olhado*
Dão-me ataques e cheliques.

Já 'stou farto de carpir
Com a tal lei do divorcio
Porque a esposa sem dormir
Já me disse, vae fugir
Com o seu priminho Escorcio.

Fica tristonho a olhar
Um sujeito circumspecto
E p'r'a situação salvar
Tenho á força de contar
Todas as taboas do tecto.

Sem haver espantação
Vou ser fero e justiceiro
E eu acreditem ou não
Vou pedir separação
Tambem do meu... travesseiro!

PRESIDENTE.

feito nos mesmos numeros em tres *chances* differentes.

A' VENDA

Diziam ha dias os jornaes que na quinta feira tinham sido expulsos de Portugal os ultimos jesuitas.

Os ultimos?!...

Quem nos dera tantas libras de cavallinho como de jesuitas cá ficaram e andam por ahi á descarada.

A maioria até usa botão vermelho e verde na lapella, e jura por todos os santos e santas da republica celestial que já era republicano quando andava na *imaginação* do pae.

D'esses é que é a gente livrar-se.

Os *hypocritas* catitas
Da tal seita mariola;
Inda são mais jesuitas
Que o Ignacio de Loyola.

P'ra não lhes fugir a *mama*
Que julgam ser têta publica,
São *democratas* da *trama*
Feitos... depois da Republica!

*

Já cá temos a lei do divorcio cuidadosamente feita pelo eminente ministro da justiça.

O facto, porem, é que parece que havia meio mundo que estava ancioso pela justificada lei.

Mal ella appareceu e foi publicada, cahiu-nos em cima um chuveiro de cartas principalmente de senhoras pedindo explicações para se verem livres da carga matrimonial.

A D. Eufemia, por exemplo, quer que lhe expliquemos o artigo 10.º que diz ser causa do divorcio: «a doença incuravel que importe aberração sexual.»

A aberração é que lhe pôz macaquinhos no sotão e pede-nos que lhe digamos se é cousa que o marido tenha.

Vade retro!

Não é da nossa competencia julgal-o e muito menos experimental-o.

Mas se o marido da D. Eufemia já anda perto dos setenta janeiros é de suppor que a aberração seja mais que incuravel.

Nunca mais!

Se a D. Eufemia tiver sessenta annos, cem contos e uma lesão em estado grave, trate de divorciar-se já e nós cá estamos ás ordens para marido.

Segundo me diz o Escorcio
Cá neste luso paiz,
A nova lei do divorcio
Vae 'sfalfar muito juiz!

*

Como se sabe o fero dictador que ainda se julga com direito de viver entre gente civilisada foi preso em Cintra e afiançado em duzentos contos, como se *aquillo* valesse sequer duzentos réis com fato e tudo!

Posto cá fóra á solta o marmanjo, sabem o que aconteceu logo?

Deram-se tres casos de peste bubonica em Alfama, felizmente descobertos e atacados a tempo.

E' de má raça, o maldito!

Em apparecendo era logo desastre ou fatalidade.

Figas!

Se contra elle se decide
O processo feito á tesa,
E tem de ir p'a *Campolide*
No sitio, ninguem duvide,
Ha desastre com certesa.

*

Uma das medidas urgentes que o acti- vo governo provisorio deve tomar desde já é a que se refere aos senhorios.

Esses maganões que já exigem a renda em 15 de Maio e Novembro, isto é, com 45 dias de adeantamento, estão pedindo uma lei que os metta na ordem.

As casas devem ser pagas a mezes, ficando o proprietario com um mez adeantado para garantia.

Pelas suas ricas saudes amigos do governo tratem d'isso com toda a pressa porque o dia 20 está á porta e o *Zé* já está com a corda na gargante.

Isto agora é que é urgente e nós que o digamos.

Grande tristeza se nota
Em nós e n'outros parceiros,
Porque o *amigo* agiota
Já nos deita olhar's bregeiros.

Por isso se uma lei brota
Dando ao Zé o poderio,
Fica á *brocha* o agiota,
Fica á *brocha* o senhorio!

ORLANDO.

Que pena!

Então o Zé Luciano não vae tambem na *montra?*... Olhem que fazia cá uma falta...

☘

Nem gaines!

Que demo de mania, sapateiro,
E' essa que tu sempre em ti denotas,
Pois não passas por mim, grande sendeiro,
Sem que elles para as minhas rotas botas?

E tu meu alfaiate piteireiro
Julgas talvez que eu ando cheio de notas,
Pois não me dizes nada sem primeiro
Mirares estas calças já tão rotas?

E tu meu chapeleiro *social,*
E tu, inda, barbeiro *libaral,*
Porque é que assim me olhaes, sorris, dizeis:

—Que trago um chapeu velho na cabeça,
—Que é vil que sem thesoura a *cuia* cresça...
Não vedes que eu não tenho cinco réis?

VIU SE GREGO.

Recebemos e agradecemos

O dr. Magalhães Lima, no final do seu agradecimento ao povo pela brilhante manifestação que lhe fazia, atirou-lhe um beijo como prova da muita estima em que o tinha.

E agora diga que não deu, essa noite, beijinhos no *Zé.*

D. Amelia diz que tem
Dois cilicios... *de borracha.*

GLOSA

Não lhe custaram vintem
E dão-lhe consolações,
Com um bom par de... *espigões*
D. Amelia diz que tem...
São poucos mas sabem bem
Se lhe apertam na tarracha,
Fazem serviço de escacha
Sendo grandes e compridos;
Tem Amelia bem 'scondidos
Dois cilicios... *de borracha.*

BOMBA.

Ultima hora

Acabam de nos entregar os seguintes telegrammas, que immediatamente damos á publicidade:

Redacção Zé—Lisboa—Estou banzado levantamento provado. Bem dizia Gaby haver Zé endireitar-se.*M—anuel.*

*

Redacção Zé—Lisboa—Até que emfim, estou com os inglezes.— *Amelia Orleans.*

*

Redacção Zé—Lisboa — Visto novo titulo peço m'o mandem todas as semanas, sobre tudo bem vermelho.—*Bispo de Beja.*

*

Redacção Zé - Lisboa — O simpatico Manuel exercita-se monoculo no ôlho. —*Soveral.*

*

Redacção Zé—Lisboa—Parabens pela tua çaida e ke muitas entradas dês em novos anus.—*Uma do Kêlhas.*

*

Redacção Zé — Lisboa — Eu e minha mulher adherimos hontem á noite.—*José Luciano.*

*

Redacção Zé—Lisboa—Viva Dios. Iô istô contratau por el proprietario do *Morita!* Los fados tienen agradado mucho. Habla-se aqui en pancada. Iô não adhiro para não apanhar alguma coisa.—*Mattos.*

O ZÉ e os revolucionarios

A fim de tornarmos a collecção do noss. jornal o mais interessante possivel, resolvemos publicar numeros extraordinarios dedicados aos revolucionarios que mais se distinguiram no heroico movimento de 4 e 5 de Outubro.

O proximo numero d'*O Zé,* que será impresso a 3 côres, iniciará a serie d'estes numeros, publicando na pagina central o retrato do heroe **Machado dos Santos,** seguindo-se-lhe á medida que nos seja possivel entre outros, o dos **Tenente Pereira, Marinha de Campos, Tito de Moraes, diversos sargentos, etc.**

Devido aos enormes encargos que estes numeros nos acarretam pedimos aos nossos estimaveis agentes a fineza de nos indicarem com alguma antecedencia, o numero de exemplares que desejam nos numeros extraordinarios.

Já era tempo!

Ao troar do canhão foi derrubada
Do throno carunchoso a monarchia,
Ao som do tiroteio, desvergonhada,
Ainda quiz impôr a tyrannia.

O povo com a mente revoltada,
Mostrou grande poder e valentia,
Pondo a canalha rude em debandada,
Partindo esses grilhões em que jazia!

Deu fim ao pezadello quasi eterno
Que o trazia no meio d'um inferno
Sem ter a verdadeira claridade...

Lá foi a combater de fronte erguida
Disposto a dar a sua propria vida
P'la Patria, p'la Justiça e Liberdade!

ZÉ ILHEU.

A MONTE

Os pobresinhos são dignos de dó... coitadinhos!

Venceslau de Lima D. Amelia D. Manuel Soveral

AI CREDO, QUE TENTAÇÕES!...

O que nos disse o rev. Bispo de Beja

Os prazeres dos conventos

Desejosos de bem informarmos os leitores d'este semanario alegre e divertido, dirigimo-nos ao encontro do reverendo Sebastiãosinho de Vasconcellos, para obtermos a sua authorisada opinião sobre os fallados duzentos *consoladores* que as manas da caridade guardavam como preciosa reliquia.

Não conseguimos avistar-nos com o sympathico e elegante cidadão, mas fallámos-lhe pelo telephone, que foi mesmo um delicia.

Ficámos encantados com a sua voz meiga e deliciosamente encantadora, que o telephone deixava perceber e pudémos calcular com quanta saudade elle nos descrevia as suas consolações... espirituaes.

....

—Está lá minha menina?
—O numero?
—1535. O reverendo Sebastião ..
—Como?!
—O que parece mais *sebastiôa*....
—Está bem.

....

—Ora então como está o lindo?
—Ai filho muito indisposto.
Innumeros desgostos e contrariedades. O que vale é que mando tudo para traz das costas...
—Como?!...
—Mando tudo para traz das costas é cá vou vivendo...
—Deve ser uma vidinha regalada... Pois eu venho em nome do *Zé* ..
—Ai! credo! Que homem! A fallar-me agora em *Zé*...
—E' um semanario que veiu agora á luz da publicidade e deseja archivar a opinião de Vossa Rev.ma sobre os prazeres e alegrias das irmãs de caridade...
—Foram umas marotas, que mandaram vir de França uns abençoados *cilicios*... de borracha, com que sacrificavam o seu rico corpinho.
—Vossa Rev.ma já os viu?
—Ora essa?! Já os vi e já os experimentei. Ha de differentes tamanhos conforme os castigos a applicar... Se é pena grave applica-se um grande e com muitos picos. Se não é de tanta gravidade o delicto apanha o peccador um cilicio mais curto que não dê tanto abalo...
—Mas isso é de primeira ordem...
—Magnifico, meu amigo. Tenho obtido grandes resultados. Agora que não estou na minha aldeia tenho espalhado o invento e dia a dia obtenho novas e valiosas adhesões.
—Eu...
—Tambem quer experimentar?
—T'arrenego!... Cruzes, canhoto, mafarrico...
—Pois olhe que havia de gostar, porque é muito gostoso apanhar um...

....

Interrompeu-se a communicação e aos nossos ouvidos ainda soaram aquellas meigas palavras:

—Contrariedades... desgostos... Mas mando tudo para traz das costas!

...E o proveito é d'elle coitadinho...

IRIS.

Podem dizer-nos onde, se foi anichar a tesura do *Xuãosinho*?

A um adherente

Quem já te conheceu ó sacripanta
Thalassa mas d'aquelles de raiz,
Dobravas ao *Xuão* sempre a cerviz
E davas os teus *bens* todos p'rá... santa.

Azul e branco usavas 'té na manta
Mas hoje libertado este paiz
Usas gravata de olho de perdiz
E só o vinho verde te atarantá.

Eras um grande amigo de prisões,
Pensavas em ver todos em Timor
Em processos, castigos, punições.

Adheriste tambem e com fervor
Dizes-te democrata dos pimpões!
....
Vae-te embora thalassa sem valor!

ORLANDO.

SAFA!

O grão-mestre da maçonaria portugueza, dr. Magalhães Lima, viu-se á brocha para sahir da estação do caminho de ferro na noite da sua chegada a Lisboa, tal era a agglomeração de gente a prestar-lhe homenagem.

Póde dizer-se afoitamente, que é a primeira vez que o povo *entala* assim um *grão*.

Epitaphio

Aqui jaz n'esta tosca sepultura
Francisco Bernardino Sá Pinheiro
Que farto d'esta vida de amargura
Agarrou n'uma corda e com tesura
Enforcou-se no pé d'um morangueiro.

ZÉ ILHEU.

Livra!

A praga maldita dos *adhesivos* não nos larga a porta. D'aqui a pouco temos de nos fazer jesuitas, para deixarmos a companhia.

Safa!

INDIVIDUALIDADES

I

Theophilo Braga

Entre os sabios, a gloria universal,
'Stá n'este homem de grande valimento;
Eloquente orador, grande talento,
Caracter impolluto e liberal!

Orgulha-se de certo Portugal,
Como se orgulha o Livre-Penssamento,
Em ver que o nosso Mestre segue, attento,
O avanço glorioso do Ideal!

E' hoje o grande sabio o presidente,
Que vem p'ra governar a lusa gente,
Essa d'Aljubarrota e do Bussaco!

Mas o Mestre é de tal simplicidade,
Que ás vezes lá o vemos pl'a cidade,
Viajando nos carros de *pataco!*

VICTOR GOMES.

(Viu-se á brocha)

Viva tu gracia!

Dizem-nos que para a proxima epoca debutará como novilheiro o padre Mattos »Morenito del Portugal».

Os jornaes estrangeiros teem enchido o *papinho* impingindo o *Almocreve das petas* aos leitores a respeito de Potugal

Não é d'esses...

Dizem-nos que foi contractada par Lisboa a linda Gaby Delliss.

Se o mestre Theophilo fosse mais novo..

Quando eu morrer!

(A' Associação do Registo Civil)

Quando eu fôr pela morte arrebatado
Do mundo desigual, torpe, insolente;
Quando, emfim, repousar eternamente
Deixando este viver attribulado;

Não chorem por quem fica descançado,
Não resem por quem foi sempre um descrente!
Será melhor tocarem docemente,
Na sonorosa lyra o triste fado!

Aos devassos ministros do Senhor
Nunca serei capaz de me vender.
Nem tu, bondosa mãe, com teu amor

Conseguirás minh'alma converter!
—O vil roupeta, o padre confessor,
Não quero junto a mim, quando eu morrer!

ARTHUR ARRIEGAS

O pad. Mattos em Badajoz já cantou ofado e dançou o fandango.

As hespanholas até gritam:—olé salero.

Bugio — Ora vá fazer versos para a Torre do seu appellido! Que tal está o raio do homem, hein?

Relampago—O seu artigo é muito sensato mas não pode vir á luz da publicidade, porque não está na indole do nosso periodico.

O que a gente quer é... rir-se.

Zé— Para *Zé* cá estamos nós e já não é pouco.

Só se o seu pseudonymo é referente ao *outro*...

A. M. — O nosso jornal não publica criticas theatraes e mesmo se as publicasse não ia redigi-las um *fulano* qualquer que para ahi apparecesse.

Fica entendido?

D. Ralleva—Cá esperamos o promettido. Como sabe o promettido é devido... Póde ou não póde ser?

Joaquim Santos— Pará—Muito obrigadinhos pela amabilidade do bilhete. Retribuimos do coração os parabens que nos envia pela proclamação da nossa desejada Republica.

Lavadouro municipnal

— Cá estamos outra vez, hein?

— E' verdade, tia Rita, cá estamos.

— Hoje traz mais trapos a lavar, do que a semana passada.

— Estes são d'um senhor que em tempos governou cá o barco.

— Quem? aquelle individuo que a deixou?

— Não é de mim que fallo. E' do barco da nação. A náu do Estado.

— E que a deixou em mau estado!

— E' verdade.

— Mas ó filha, se me não diz qual d'elles é... Foram tantos, que não sei a qual se refere.

— Ora a qual ha de ser?.. Aquelle que foi preso no domingo em Cintra.

— Ah!.. já sei!... agora... agora!... Mas então elle, que era tão valente, tambem...

— Então que quer? Nunca ouviu dizer que quem tem... tem medo.

— Ah! mas elle não tem medo, essa lhe juro eu! Não se lembra d'elle dizer que tanto se lhe dava morrer de um tiro, como d'uma congestão?

— Pois sim, sim... Era porque não via uma pistola na sua frente, nem sentia *perturbações* que lhe annunciassem a congestão, senão...

— Isso tambem é vontade de dizer mal.

— E' que vocemecê não viu a *manifestação de agrado* que lhe fizeram, quando elle sahiu da Boa-Hora:

— Foi grande?

— Ora essa!... Foi de *encher* o olho...

— Safa!...

— E se não *lh'o encheram*, foi por coisas, percebe?... que a vontade era bôa.

— Agora por manifestações: E que me diz áquella que fizeram ao Magalhães Lima? Vocemecê foi vêr?

— Pudera!... Fui com a minha pequena, mas jurei para nunca mais.

— Porque!... Então não foi bonita?

— Bonita foi, mas é que me vi atonita com a rapariga.

— Fizeram-lhe alguma?...

— Alguma quê?... rapariga?...

— Não!... se lhe fizeram alguma partida!

— Não me fizeram partida mas iam-me partindo a caneca.

— A caneca?!...

— Não vê que eu tinha ido á vaccaria da rua Larga de S. Roque, buscar leite para o *meu*, que tem andado constipado, e levei a pequena. N'isto, quando vinhamos a sahir, vejo vir aquella gente toda aos vivas, e musica, de maneira que esperámos para vêr o *pagode*. Eu bem disse á pequena que era melhor esperar dentro da loja, mas isto de raparigas, hão de fazer sempre o que querem. Imagine... começa a andar diante de mim, e eu atrapalhada com a caneca do leite, com receio de entornar...

— Mas porque não deixou o leite lá na vaccaria para o ir buscar mais tarde?

— Espere, que eu lhe conto o resto: Como lhe disse, a pequena começa a andar diante de mim e d'ahi a bocado estavamos ambas mettidas no apertão. Todos pararam em frente da casa onde móra o Magalhães e elle veiu á janella do primeiro andar, deitar uma fala ao povo agradecendo muito. Ai... não calcula o que foi!... Aquillo era de pôr cá por dentro tudo em pé!...

— Eu calculo!... E não havia de ser só por dentro...

— Principalmente quando elle atirou um beijo!... Isso então um delirio!...

— E a sua filha, que dizia?...

— Ora!... Estava enthusiasmada, dava palmas... Eu sei lá!... A minha Laura então que é doida por beijos...

REQUERIMENTO

Eu aprecio tanto este bom *Zé*,
Que rógo ao Presidente do Paiz,
Que tenha em attenção o que cá fiz
Armando zaragata com bonné.

Nunca na minha vida assim o fiz,
Mas vendo o padre Mattos com chulé,
Gritei pr'a Hespanha viva lá osted,
E ouça bem o que este doido diz:

Peça por Deus ao grande Presidente
D'esta nossa Republica Portugueza
P'ra que nos mande dar sufficiente

P.ra ser bi-semanal o *Zé*, belleza,
Que compra toda a gente intelligente
Só p'ra ver dos *thalassas* a limpeza.

ALFREDO OSORIO
(Maluco—eterno)

O' velhinhos, isso não é justo.

Bem bastam as lôas que a gente tem *comido* a respeito das outras nações.

Ter de comer as nossas é muito... dentro.

A companhia das aguas celestial parece que tem a canalisação rota.

A porca *di* a chuva não nos larga e mal um cidadão larga a bengala de saias vulgo chapeu de chuva, apanha um banho de duche que se constipa por toda a vida e mais tres annos.

Apesar d'isso não afrouxa a concorrencia ao

Theatro da Republica que passa em revista o seu enorme e escolhido reportorio, emquanto se ensaia a afamada peça *Patachon* traduzida com o titulo de *O convertido* que sobe á scena na proxima segunda feira.

Reapparece n'esta peça a gentil actriz Adelina Abranches.

Tambem a chuva não tem impedido que o

Nacional tenha tido publico, variando os seus espectaculos. *O Amor de Perdição* foi applaudidássimo.

Nós que comprámos ultimamente uma capa de borracha em segunda ou terceira mão, não nos ralamos absolutamente nada.

Por isso nos temos batido toda a semana em varias casas de espectaculo.

E não vão julgar que isto seja um excesso de amor á arte.

E' que catrapiscamos certa pequena que por signal é muito grande e que é damnada pelos theatros.

Como é amadora do que é bom foi ha noutes ao

Gymnasio ver as *Paixões passageiras* e lá do camarote deitou para baixo um bilhete que dizia assim:

«Simpatico Sinhor.

Beja lá si o seu amore tambem é paçageiro. Amanhem vou ao:

Avenida ver a *Princeza dos Dolares* qui é uma pessa munto chique em que entra a Gremilda.

Lá o espero.

J da C.»

Ante uma tão agradavel e ortographica missiva não podia faltar e puxando pelos cordões á bolsa lá estive no Avenida. A pequerrucha que é um «talento litterario», fartou-se de fazer beicinho e mandou novo bilhete, d'esta vez com uma descompostura medonha no nosso querido dr. Affonso Costa, por cáusa da lei do divorcio.

Apanhei a minha *piadinha* por tabella, mas como aqui em segredo não penso em ir atar-me com o barbante do matrimonio, não me ralei nada e fui na noite seguinte ao

Apollo a vêr a peça *A luva branca*, de Hannequin e Veber e metti-lhe na mão ás escondidas uma carta que, modestia á parte, sahiu um primor.

Não agucem o apetite que não lh'a mostrámos.

Até dava assumpto para um drama da

Rua dos Condes, onde a correcta companhia Alves da Silva continua fazendo successo.

E' modesta a companhia, não tem pretensões a «normal», mas agradou em cheio na

Trindade quando lá esteve. A proposito d'este bello theatro, bom é dizer-se que reabre no dia 16 com a applaudida revista *O paiz do vinho*, do nosso amigo Leandro Navarro e André Brun. Muitas enchentes é o que desejamos ao infatigavel Taveira.

A resposta á nossa carta não se fez esperar e foi-nos entregue no

Colyseu dos Recreios, onde o estimado emprezario Antonio Santos, commendador da estima e amisade do publico, apresenta uma companhia de truz que se apaga a luz.

Tambem não se lambem os leitores com ella, porque os pobres typographos ver-se-hiam á *brocha* para compôrem aquelle *pastellão*.

Para esta semana já temos *rendez-vous* no

Phantastico que leva a revista *E' phantastico*, que tem linda musica do amiguinho Manuel Benjamim e no

Music-Hall que tem dado em cheio com a bonita operetta *A viuva alegre em Cascaes*.

Tem-nos custado bem cara a pasmaceira amorosa, mas só em cartas da *intelligente* namorada, temos já uma verdadeira collecção para figurar n'um museu da Asneira Nacional

Ainda vamos ganhar um dinheirão.

OSCAR.

Uma senhora... minha conhecida

Conheci uma *senhora* d'alta fama
que esbanjava de grande e á *franceza*,
e tinha n'esta terra portugueza
palacios ricos, joias, boa cama.

Era senhora audaz, e só da trama
se valia p'ra ter tanta grandeza,
mas sendo conhecida essa *esperteza*
levou um trambulhão, cahiu na lama!

Hoje lamenta em pranto a sua sorte
com triste magoa, com pezar profundo
de na vida soffrer tão duro córte.

—E ao ver findado seu viver jocundo
tambem viu que castigo duro e forte
merece quem mal vive n'este mundo.

ROSEJANO AMORIM.

Vem ahi um exercito de *gafanhotos* com o *Arreda* á frente dar cabo da Republica.

Arreda que te espeto!.

CHUCHEM QUE É CANA DOCE

O proximo numero do ZÉ publicará na pagina central o retrato do grande heroe da Rotunda Machado dos Santos.